

## JOHANN FRIEDRICH HERBART: INSTRUIR, ACIMA DE TUDO, UMA FORMA DE EDUCAR

Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral

---

**RESUMO:** Neste artigo, a autora procura propor um outro modo de encarar a tão conhecida "Instrução Educativa" de J.F. Herbart. Esta, ao contrário do que a crítica tem julgado, isto é, como uma simples forma de instruir, pode ser interpretada, acima de tudo, como uma dentre outras formas igualmente sadias de educar. Afinal, parece estranho que um pedagogo, tão rigorosamente preocupado com a ciência de educar, pudesse reduzi-la, sem qualquer escrúpulo, a uma mera instrução, como pretendem alguns.

**PALAVRAS-CHAVE:** Herbart. Filosofia da Educação. Instrução. Educação.

---

O homem tem, em todos os tempos, observado ou experimentado algo em educação. De um modo ou de outro, tem tido a oportunidade de extrair do relacionamento social, da História ou ainda das "assim chamadas" reflexões filosóficas, geralmente contidas em periódicos, opiniões referentes ao destino e à educabilidade de sua espécie.

É certo que tais opiniões encontram-se de tal modo relacionadas com seus sentimentos, com seus modos de pensar e agir que, ao defendê-las, ele protege a sua própria personalidade. Todavia, em ciência e conseqüentemente em pedagogia, uma vez que a transformação da arte de educar em ciência foi uma das grandes metas defendidas por Herbart em toda a sua obra, não há sequer lugar para esses comentários sem qualquer profundidade.

Neste nível, ou, em sentido mais amplo, no da teoria da formação do homem o próprio postulado — a educação precisa ser possível — e isto graças à inquestionável maleabilidade do ser humano, suficientemente clara para o educador que observa a transição de um estado de grosseira imperfeição, para outro de perfeição harmônica; encontra-se, como quer o autor, condignamente abrigado pelo manto protetor da idéia de justiça. Esta, sabiamente definida por Sto. Tomás de Aquino em sua célebre "Suma Teológica" acha-se contida numa expressão que, através dos tempos, se transformou em um verdadeiro adágio: "Dar a cada um o que lhe é devido". E o que mais nos é invulnerável e irrevol-

gavelmente de direito, além da possibilidade de realizar cada um o seu destino humano ou a plenitude do seu ser? Como salienta o pedagogo atento em seu "ABC da Percepção Sensível": "Ninguém pode desistir da arte de ser homem ou mulher" (1).

A propósito, para alguém, como ele, preocupado com a ciência de educar, só pode atingir um satisfatório desempenho nesta arte, aquele que se submeter às leis rigorosamente impostas pela educação. É precisamente neste momento que o educar adquire foros de moralidade, já que é apontado pelo autor como um ato de justiça, por excelência, o único capaz de dar a cada um o que lhe é devido. Cognominada por Sto. Tomás como a mais preclara de todas as virtudes reflete, de fato, o brilho fascinante da maior essência com necessidade do ser humano, qual seja a necessidade de ser.

Apoiado nisto Herbart abre o seu importante tratado "A Representação Estética do Universo como Missão Principal da Educação", afirmando que o "único problema, todo o problema da educação está compreendido em um mesmo conceito: moralidade". (2).

Ao que tudo indica, a pedagogia enquanto unidade, enquanto ciência, tornou-se possível justamente por ter o referido pensador, descoberto esse princípio unificador acima enunciado.

Vejamos, então, como se comporta semelhante denominador comum ao responder pela manutenção do equilíbrio entre os múltiplos problemas sempre presentes àqueles que em qualquer tempo ou lugar ousam pensar a educação.

Ao contrário do que nos fornece a História da Educação, como modelo frequente, o processo educativo em questão não apresenta um duplo objetivo: a instrução, de um lado e o adestramento para a boa conduta, do outro. Ou, em outras palavras, Herbart não aceita a distinção clássica entre educação, *Erziehung*, e instrução, *Unterricht*, propondo com grande desembaraço o que denominou de instrução educativa, convicto de estar ao mesmo tempo e com grande sincronia referindo-se tanto ao processo de esclarecimento intelectual por meio de idéias quanto ao de disciplina e formação moral através da vanta-

- 
- (1) Herbart, Johann F. - ABC of Sense-Perception. In: Herbart's ABC of Sense-Perception and Minor Works. Translated, with introduction, notes and commentary by William J. Eckoff. New York, D. Appleton and Company, 1896; p. 89.
  - (2) The Aesthetic Presentation of the Universe the Chief Office of Education. In ABC of Sense-Perception; p. 92.

de, uma vez que este decorre, linear e totalmente, daquele. Com toda ironia, educar, dentro do vocabulário filosófico acumulado pelo autor, significa instruir.

Ora, o que nos cabe como tarefa é justamente tentar explicar esta posição até certo ponto anômala do sistema herbartiano dentro da história da filosofia e, particularmente, da educação. Assim sendo, não podemos negar que o autor afirme em seu "Manual de Psicologia" que "a alma é uma essência simples (Wesen), não somente sem partes, mas também sem qualquer tipo de diversidade ou multiplicidade em sua qualidade" (3). Bem, isto quer dizer que a alma não tem nenhum talento natural, nem qualquer faculdade, quer seja para o propósito de receber ou para o de produzir.

Em suma, ela não inclui em si mesma nenhuma atividade original. Não possui, originalmente, nem conceitos, nem sentimentos e nem desejos. Não sabe nada sobre si mesmo, e nem sabe outras coisas; também não repousa nela formas de percepção e pensamentos, leis do querer e do agir e nem sequer uma remota predisposição para qualquer uma dessas atividades.

Com efeito, uma psicologia que pretende ser científica jamais poderá render-se ao que o autor denomina de mito psicológico da teoria das faculdades mentais ou da teoria das idéias inatas. No entanto, nem tudo é só passividade em meio ao reino mental, pois, entre as diferentes essências existem relações que com a ajuda de uma comparação com o mundo físico podem ser descritas como "as de pressão e de resistência". Cada uma delas tem o poder de resistir a qualquer distúrbio exterior tendo em vista, unicamente, a nobre tarefa de conservar-se.

Estas auto-preserções da mente compõem as chamadas representações, conceitos ou idéias e constituem a única riqueza da vida psíquica admitida pela teoria herbartiana. Tais conceitos, pondera o autor, transformam-se em verdadeiras forças, mas sob uma única condição, quando resistem uns aos outros. Em si mesmos, não podem ser forças sob pena de acarretar a violação da tão proclamada simplicidade da mente. O que, todavia, não redundaria em qualquer sacrilégio em meio ao cenário descrito por Herbart é justamente admitirmos, como um corolário de tudo que vimos, que o pensamento correto produzirá necessariamente a ação correta, ou que idéias claras e verdadeiras resultarão, inevitavelmente, em boa conduta.

---

(3) Herbart, Johann Friedrich - A Texte - Book in Psychology. Translated from the original German by Margaret K. Smith. New York, D. Appleton and Company, 1904, p. 119.

A partir disto, bem árdua será a missão daquele que pretender revidar comentários como os de G. Compayré em seu livro, "Herbart e a educação pela Instrução": "Instruir a mente é, julga Herbart, construí-la. Não é mais uma questão, como sob a velha hipótese de faculdades dadas pela natureza, de superlotar uma memória mais ou menos fidedigna, de provocar a entrada de conhecimento literário ou científico num entendimento mais ou menos aberto. *O conhecimento não é mais um ornamento mental, é um elemento mental. O conhecimento constrói e produz a mente . . .* Em consequência desta teoria, a instrução assume um significado profundo e delicado, e deveres completamente novos são impostos ao ensino; sua função não está mais limitada a desenvolver o intelecto, já que deve criá-lo e já que, por associação de lembranças por séries regulares de idéias, essas forças mentais são criadas, de onde nascem não apenas força do intelecto, mas força de vontade" (4).

À primeira vista, não há como fugir ao impasse pois, se Herbart reconheceu as três funções básicas da vida mental: conhecer, sentir e querer, o fez tendo como ponto de partida único dessa série, nada mais do que as mesmas representações, ou conceitos ou idéias simples a que nos referimos. Mas, nem tudo se comporta tão *simplesmente* conforme as exigências do autor e algo como que escapa e transborda mesmo, e com toda vitalidade dessa forma demasiadamente bruta, rude e estreita para conter toda complexidade e riqueza da vida humana psíquica enquanto tal. Afinal, não podemos permitir que o autor continue insistindo em tapar o sol com a peneira somente porque não quer ver algo que distoa fortemente dessa simplicidade da mente, tão cômoda para aqueles que com ela, em algum momento, se defrontam.

É o próprio pensador, quem constrói a sua cruz ao admitir ainda em seu "Manual de Psicologia" que a mente não é, apesar de tudo, uma tábula rasa no sentido de que *impressões estranhas* a ela própria possam ali ser registradas. Ora, isto quer dizer que, ao contrário do que ele próprio consente, a mente sabe algo a respeito de si mesma e também sobre as outras coisas, pois se assim não fosse não seria sequer capaz de perceber um perigo exterior e, então, reagir por meio de atos de auto-conservação, indícios marcantes de que ela tem o poder de selecionar as impressões que deseja gravar. Mais ainda, existe, pelo menos, alguma forma de percepção original, não resultante, portanto, da atuação de idéias ou conceitos ali pouco a pouco armazenados, mas que tem o dom de responder pela orientação do ser humano na difícil tarefa de reagir face ao meio que o cerca, tendo em vista a sua conservação vital.

---

(4) Compayré, G., *Herbart and Education by Instruction*, New York, Crowell, 1907, pp. 46-47.

Parodiando Leibniz, poderíamos dizer "Nada há em nosso intelecto que não tenha antes passado pelos nossos sentidos", exceto, chamemos assim, um certo poder original de percepção que orienta e dirige os nossos próprios atos de preservação desde os mais precoces sinais de vida.

Voltemo-nos, então, para o outro dos polos em questão, isto é, não mais a mente mas a natureza, o mundo ao redor, a única fonte do conhecimento, assim como da conduta moral humana, segundo o autor. Não nos parece um tanto estranho que um meio inteiramente frio e adverso aos propósitos e aos valores humanos possa continuamente oferecer estímulos a uma mente, tida como incapaz de qualquer atividade originária e, ao final de tudo, possa a despeito disso, permitir a reação da mesma, via poderosos atos de *auto conservação*? Será que estes estímulos não apresentam, já, anteriormente a tudo, uma relação com a conservação, desenvolvimento e aperfeiçoamento do próprio homem?

Com efeito, nem tudo parece ser tão inerte, como o pensador alemão quer dar a entender, pois o que a natureza oferece ou proporciona não é tanto gratuitamente, mas, ao que tudo indica, precisamente em resposta a uma busca por parte da mente capacitada que é de selecionar somente aquilo que não venha a ser estranho aos seus propósitos de auto-preservação.

A nosso ver, é justamente este suave aroma de harmonia existente entre o homem e o mundo que garante a efetividade de uma passagem contida no seu "ABC da Percepção Sensível". Ali, a percepção sensível, é caracterizada como uma indispensável, firme e mais ampla entre o homem e a natureza (5). Tudo parece, então, ter um encaixe satisfatório em meio a esta engrenagem, se considerarmos o fato de que todo processo de conhecimento tem origem em uma *perturbação* sofrida pela mente que reage acionando assim o mecanismo responsável pelo registro de representações, tendo em vista restabelecer o equilíbrio roto e alcançar novamente a beleza estética da forma harmoniosa e sem qualquer ruptura.

Parece justo, então, que não possam mais ser vistas como meras cópias de objetos, pois o que importa é que elas reconstituam-se continuidade vital entre o indivíduo e o meio, facilitando, antes de mais nada, a nossa ação, permitindo-nos mover com comodidade e segurança em meio ao ambiente que nos cerca. Assim caracterizadas, não passam de verdadeiros bálsamos que, ao serem assimilados pelo organismo, ativam e acalmam o sofrimento traduzindo um

---

(5) op. cit., p. 260.

estado comparável à saúde, ao bem-estar, à felicidade e, para usarmos as próprias palavras do autor, à perfeição estética.

Neste sentido, são bastante sugestivas as suas palavras finais incluídas em livro anteriormente mencionado: "todo círculo do pensamento e sentimento torna-se mais e mais semelhante a um organismo que *expelle* aquilo que o repugna e *assimila* os elementos agradáveis que encontra" (6).

Aqui parece encaixar-se um dos mais importantes conceitos do pensamento herbartiano, qual seja, o de apercepção entendido como identificação, interpretação e reconhecimento de um objeto e não como um registro simples e frio. De fato, quando por meio da apercepção formamos um conceito de algo, isto significa que estabelecemos, antes de mais nada, um julgamento que, por sinal, é automaticamente reivindicado desde o momento em que o equilíbrio vital se revelou precário. Herbart, em várias passagens de sua obra, faz mesmo questão de assinalar que as idéias ou conceitos, o pensamento humano, enfim, assume muito freqüentemente a forma de julgamento.

Com efeito, ampliando a esfera de nossas conclusões, podemos deixar agora assentado o seguinte: do meio em que vivemos procedem estímulos; estes têm relação com a nossa conservação, desenvolvimento, aperfeiçoamento, felicidade enfim; no prazer e desprazer, agrado e desagrado, no jogo de sentimentos, temos condições de valorizar as coisas, os objetos do meio que nos rodeia segundo aquelas exigências vitais de nossa preservação; tais afetos como verdadeiros motores impulsionam a nossa vontade que determina nosso agir. Eis como se compõe, em maiores detalhes, e a nosso ver, o famoso círculo do pensamento. Isto porque, na linguagem do autor, tudo parece coordenar-se muito mais simplesmente, isto é, dos pensamentos saem sentimentos e, destes, princípios e modos de ação.

A partir desta sequência bastante ampla foi possível a muitos estudiosos inferir conclusões desastrosas e até mesmo perigosas para um educador. O aluno sente e quer de acordo com seus pensamentos ou representações dominantes e como é precisamente com estes que o professor lida, então, pela manipulação de idéias ele constrói o círculo de pensamento da criança. Em outras palavras, controlando assim o que a criança pensa, o professor determina o que ela sente e quer: — a educação pode tudo !

---

(6) *Ibidem*, p. 284.

Todavia, nem tudo é tão trágico quanto parece, tendo em vista, como procuramos salientar, que o próprio conhecimento se encontra irremediavelmente relegado a uma posição derivada, secundária por origem, já que submetido ao processo em virtude do qual se mantém e se desenvolve a própria vida humana. A apreciação de algo é justa quando pragmáticamente julgamos o seu valor de acordo com o único critério válido para nós seres humanos: a conservação da vida. Em síntese, algo é porque vale !

De fato, não podemos negar que sentimos e queremos de acordo com os nossos pensamentos, mas se isto acontece é, justamente, porque pensar significa antes de mais nada um modo de sentir, de querer e de agir, o modo peculiar pelo qual os seres humanos mantêm, conservam, preservam o que lhes é mais caro, a vida. Esta significa, como sabemos, equilíbrio continuamente harmonioso entre o homem e o mundo, a mente e a natureza graças à possibilidade que temos de sensivelmente perceber tudo aquilo que aquela pode nos oferecer de mais saudável para atingir o nosso fim primordial.

Uma tal sincronia, só é possível se admitimos que este mundo, ou essa natureza ao nosso redor, tão sabiamente equipados, sejam meros prolongamentos da experiência humana, enquanto tal.

Diante disto, não poderíamos deixar de citar uma passagem de suma importância inscrita em seu já citado "Manual de Psicologia"... "Assim aparece o futuro remoto, visto do ponto de vista da ciência, cujo fundamento é nada mais do que a experiência humana comum" (7). De fato, ninguém melhor do que Herbart soube, com igual requinte, apreciar a beleza estética de um mundo que cresce e progride ininterruptamente graças ao esforço concatenado do homem em todos os tempos. Contudo, a saber, sustentando esta harmonia da forma, encontra-se a poderosa força da necessidade estética, a única capaz, segundo o autor, de nos permitir ver as coisas do mundo como gradualmente capazes e de conformarem-se com o bem.

Trata-se daquela necessidade "que julga imediatamente sem qualquer prova" justamente porque responde pela ordem universal que tem tão sabiamente conduzido a raça humana ontem, hoje e sempre. Ora, tudo isto faz parte dos cuidados que a Providência tem por nossa espécie ao apontar sempre, como verdadeira bússola, a nossa meta final, o bem moral. Todavia, todos e cada um de nossos passos até lá fazem parte do que Herbart denomina de "teodicéia" (8).

---

(7) Op. cit, p. 200.

(8) Cf. ABC of Sense-Perception, p. 116.

Para tanto, lança o homem mão de um eficiente instrumento: a instrução educativa ou educação, afinal de contas, uma simples questão de nomenclatura. Esta deve ser sinônimo de construção harmoniosa que, longe de expressar o controle completo que o professor tem do ser, ora em suas mãos, significa auto-domínio ou caráter moral solidamente formado (9). Tarefa das mais sérias, mas não das mais difíceis se considerarmos que caberá ao educador apenas amaciar e polir, mesmo, através do contínuo exercício, imperfeições com grande frequência detectadas em "engrenagens" novas, graças à rudeza de certos ajustes ou encaixes. Referimo-nos aqui à atraente continuidade do intercâmbio indivíduo-meio, o que deve responder com grande sincronia pelo desenvolvimento do ser humano graças à necessidade vital que este tem de, ao organizar-se, promover a própria construção do mundo em que vive.

A assim chamada instrução seria, então, um mero lubrificante de ação prolongada, é bem verdade, e por isso mesmo capaz de produzir o brilho duradouro de um caráter moral bem formado. Ou, como quer o autor, "solidamente formado" porque erigido par e passo em sincronia com a própria construção do mundo, nossa obra, Teodicéia de todos os tempos.

De fato, se a realidade é nossa obra, o é, efetivamente, no sentido em que cooperamos em criá-la. Mais do que isto, ela é o produto do esforço humano cooperativo porque, em verdade, estamos falando de uma realidade, distintivamente humana, qual seja, a social. Se frequentemente se costuma dizer que há uma única virtude, Herbart complementa:

"há um único gosto" (10). Aquele que provém de uma consoladora e protetora sensação de estarmos todos juntos na vida social, símbolo da honra, da decência e da solidez de caráter.

Enfim, "o que é tido como mais correto e puro pela sociedade constitui o fundamento da moralidade" (11). E assim sendo, um caráter moral solidamente formado deve permitir a cada um integrar-se no solo social com retidão e vigor. Este parece ser, no entender do pedagogo alemão, o único modo de reverenciar no dia a dia do presente eterno a beleza estética da obra que a providência começou e, em seguida, nos colocou nas mãos para continuá-la por todo o sempre.

---

(9) *Ibidem*, p. 87.

(10) *Ibidem*, p. 108.

(11) Herbart, J. Friedrich - *A text-Book in Psychology*, p. 195.